

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA NORMAL SUPERIOR
CURSODE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**CIRCUITO ESPACIAL DA PRODUÇÃO DE HORTALIÇAS NO BAIRRO
PURAQUEQUARA, CIDADE DE MANAUS-AM**

DANIEL DE SÁ CAMPOS ALVES

**MANAUS
2024**

DANIEL DE SÁ CAMPOS ALVES

**CIRCUITO ESPACIAL DA PRODUÇÃO DE HORTALIÇAS NO BAIRRO
PURAQUEQUARA, CIDADE DE MANAUS-AM**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade do Estado do Amazonas para a
obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Professora Dra. Francilene Sales da
Conceição

**MANAUS
2024**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

A474cc Alves, Daniel de Sá Campos
Circuito espacial da produção de hortaliças no bairro
Puraquequara, cidade de Manaus - AM / Daniel de Sá
Campos Alves. Manaus : [s.n], 2024.
56 f.: color.; 30 cm.

TCC - Graduação em Geografia - Licenciatura -
Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2024.
Inclui bibliografia
Orientador: Conceição, Francilene Sales da

1. Circuito espacial. 2. produção. 3. Puraquequara. I.
Conceição, Francilene Sales da (Orient.). II. Universidade
do Estado do Amazonas. III. Circuito espacial da produção
de hortaliças no bairro Puraquequara, cidade de Manaus -
AM

DANIEL DE SÁ CAMPOS ALVES

**CIRCUITO ESPACIAL DA PRODUÇÃO DE HORTALIÇAS NO BAIRRO
PURAQUEQUARA, CIDADE DE MANAUS-AM**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade do Estado do Amazonas
para a obtenção do título de licenciado em Geografia.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: Prof. Dra. Francilene Sales da Conceição

1º avaliador: Prof. Dr. Wendell Teles de Lima

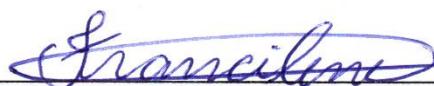
2º avaliador: Prof. Me. Matheus Vieira Areb

Manaus, 19 de fevereiro de 2024

CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

Ata de apresentação oral de monografia do aluno **DANIEL DE SÁ CAMPOS ALVES** de Licenciatura em Geografia da Escola Normal Superior em 19 de fevereiro de 2024.

Ao décimo nono dia do mês de fevereiro de 2024, às 10:00 horas, na sala 06 – Rosa Branca da Escola Normal Superior, o aluno **DANIEL DE SÁ CAMPOS ALVES**, realizou a sua apresentação de monografia intitulada “**CIRCUITOS ESPACIAIS DA PRODUÇÃO DE HORTALIÇAS NO BAIRRO PURAQUEQUARA, CIDADE DE MANAUS-AM**”. A banca de defesa foi constituída pelos seguintes membros: PROFA. MA. FRANCILENE SALES DA CONCEIÇÃO (presidente), PROF. ME. MATHEUS VIEIRA AREB (membro externo), PROF. DR. WENDELL TELES DE LIMA (membro interno). A presidente deu início à sessão convidando os membros da banca e o graduando para tomar assento e iniciar a apresentação. Após apresentação, foi feita a arguição pelos membros que ao final reuniram-se para decidir que o aluno foi *aprovado*, com a nota *10,0* . A sessão foi encerrada e assinada pelos membros da banca e pelo graduando. Manaus, 19 de fevereiro de 2024



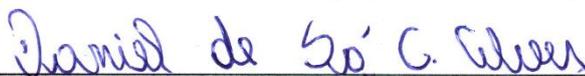
PROFA. MA. FRANCILENE SALES DA CONCEIÇÃO
(Presidente)



PROF. ME. MATHEUS VIEIRA AREB
(Membro Externo)



PROF. DR. WENDELL TELES DE LIMA
(Membro Interno)



DANIEL DE SÁ CAMPOS ALVES
(Graduando)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, que me deu oportunidades, força de vontade e coragem para superar todos os desafios até aqui.

À minha família, principalmente a minha mãe e meu irmão André Campos, por todo apoio, paciência e compreensão, que não permitiram que eu viesse a desistir durante toda a jornada.

À minha amada, por estar sempre ao meu lado dando apoio, sendo paciente e compreensiva durante essa jornada acadêmica.

Aos meus amigos, Alex Trindade e Ewerton Santos, que conheci durante o curso e que sempre estiveram me dando apoio.

À minha orientadora, a Prof. Dra. Francilene Sales da Conceição, que não permitiu que eu desistisse de ser aprovado ainda neste semestre.

"O espaço reproduz a totalidade através das transformações determinadas pela sociedade, modos de produção, distribuição da população, entre outras necessidades, desempenham funções evolutivas na formação econômica e social, influencia na sua construção e também é influenciado nas demais estruturas de modo que torna um componente fundamental da totalidade social e de seus movimentos".

Milton Santos

RESUMO

O texto aborda uma pesquisa realizada no bairro do Puraquequara, com foco na produção de hortaliças e nos circuitos econômicos locais sob uma perspectiva geográfica. A metodologia envolveu entrevistas não estruturadas com agricultores locais, registradas por áudio, anotações escritas e fotografias. A análise dos resultados destacou as percepções dos agricultores sobre os desafios econômicos enfrentados na produção e comercialização de hortaliças, relacionando essas questões com teorias de autores como Milton Santos, Leila Dias e Rogério Silveira. Foram identificados temas como práticas de produção, dificuldades dos agricultores e dinâmicas do mercado local. A interpretação dos dados, em conjunto com observações de campo, permitiu uma compreensão mais ampla do contexto local. A análise comparativa com o referencial teórico contribuiu para contextualizar os resultados e identificar padrões e tendências. Os resultados revelaram desafios econômicos enfrentados pelos agricultores, como preços oferecidos e dificuldades cotidianas da atividade agrícola, além de destacar a importância dos agricultores locais no fornecimento de alimentos para consumo regional e na geração de renda para as famílias envolvidas. A comparação dos dados coletados com o referencial teórico ampliou a compreensão dos desafios econômicos enfrentados pelos agricultores, fornecendo dados valiosos para futuras investigações e intervenções no contexto local, contribuindo assim para uma visão detalhada do circuito espacial da produção de hortaliças no bairro do Puraquequara.

Palavras-chave: circuito espacial; produção; Puraquequara

ABSTRACT

The text addresses a survey carried out in the neighborhood of Puraquequara, focusing on the production of vegetables and local economic circuits from a geographical perspective. The methodology involved unstructured interviews with local farmers, recorded by audio, written notes and photographs. The analysis of the results highlighted the perceptions of farmers about the economic challenges faced in the production and marketing of vegetables, relating these issues with theories of authors such as Milton Santos, Leila Dias and Rogério Silveira. Themes such as production practices, difficulties of farmers and local market dynamics were identified. The interpretation of the data, together with field observations, allowed a broader understanding of the local context. The comparative analysis with the theoretical framework contributed to contextualize the results and identify patterns and trends. The results revealed economic challenges faced by farmers, such as prices offered and daily difficulties of agricultural activity, in addition to highlighting the importance of local farmers in the supply of food for regional consumption and in the generation of income for the families involved. The comparison of the data collected with the theoretical framework broadened the understanding of the economic challenges faced by farmers, providing valuable insights for future investigations and interventions in the local context, thus contributing to a detailed view of the spatial circuit of vegetable production in the Puraquequara neighborhood

Keywords: spatial circuit; production; Puraquequara

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização da área de estudo (bairro Puraquequara).....	31
Figura 2 - Preparação da terra	39
Figura 3 - Berçário da Couve	40
Figura 4 - Mudanças de couve em processo de crescimento.....	41
Figura 5 - Processo de amadurecimento das mudas de couve	41
Figura 6 - Acidentes e bloqueio da pista do Puraquequara.....	47
Figura 7 - Acidentes ocasionando bloqueio na pista.....	47
Figura 8 - Mapa do Fluxograma de Entregas	49

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Conceitos-chave das categorias geográficas	19
Quadro 2 - Aspectos Fundamentais da Vivência e Interconexão Espacial	21

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1: OS CIRCUITOS DA ECONOMIA NA PERSPECTIVA GEOGRÁFICA	14
1.1. Circuitos espaciais da produção: Circuito Superior e Circuito inferior.....	14
1.2. Espaço, Redes e escalas de produção.....	19
1.3. Espaço urbano, Relação campo-cidade, rural-urbano e agricultura urbana	25
CAPÍTULO 2: CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	31
2.1. Area de Estudo	31
2.2. Método.....	32
2.3. Tipos de Pesquisa.....	33
2.4. Procedimentos metodológicos	35
2.4.1. Referencial Teórico	35
2.4.2. Entrevista da Entrevista de Campo.....	35
2.4.3. Análises dos resultados obtidos para escrita dos resultados	36
CAPÍTULO 3: CIRCUITO ESPACIAL DA PRODUÇÃO DE HORTALIÇAS NO MUNICÍPIO DE MANAUS-AM	38
3.1 Técnicas da agricultura urbana e comercialização (circuito Superior e Inferior)	38
3.2 Circuitos Espaciais da produção de hortaliças	43
3.3 Mercado local e o consumo local	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	54

INTRODUÇÃO

A produção de hortaliças no bairro do Puraquequara desempenha um papel crucial na economia local. Este estudo se propõe a investigar as práticas de cultivo, as estratégias de comercialização e os desafios enfrentados pelos produtores de hortaliças nesse contexto específico. Por meio de uma abordagem qualitativa, que inclui entrevistas e observações em atividades de cultivo, busca-se não apenas compreender as dinâmicas locais da produção de hortaliças, mas também analisar as interações entre os agricultores, o mercado local e a economia regional.

Ao adentrar no universo da agricultura urbana no bairro do Puraquequara, somos confrontados com a riqueza de saberes e práticas que permeiam o cotidiano dos agricultores locais. Onde o vínculo entre o homem e a terra se revela nas técnicas de cultivo, na seleção criteriosa de sementes e insumos, e na dedicação incansável para garantir a qualidade dos produtos que chegam às mesas das famílias da região. Nesse contexto, a produção de hortaliças não se limita apenas a uma atividade econômica, mas se torna um elo vital na cadeia alimentar.

Durante a pesquisa de campo realizada no bairro do Puraquequara, emergiram narrativas ricas em experiências e desafios enfrentados pelos agricultores locais. As entrevistas proporcionaram um espaço de diálogo aberto, onde os agricultores puderam compartilhar suas vivências, angústias e perspectivas em relação à produção de hortaliças. A análise desses relatos revelou não apenas as questões práticas envolvidas no cultivo, mas também as dimensões sociais, econômicas e ambientais que permeiam o cultivo no bairro do Puraquequara.

Além de ser um meio de subsistência para muitas famílias, a produção de hortaliças no bairro do Puraquequara se insere em um contexto mais amplo de relações sociais, econômicas e de renda. Os agricultores locais não apenas cultivam a terra, mas a troca de conhecimento e práticas que fortalecem a comunidade como um todo. Nesse sentido, a agricultura urbana no Puraquequara não se restringe apenas à produção de alimentos, mas se configura como um espaço de resistência, resiliência e inovação frente aos desafios contemporâneos.

Ao explorar as dinâmicas da produção de hortaliças no bairro do Puraquequara, este estudo visa não apenas descrever as práticas agrícolas locais, mas também

contextualizá-las dentro de um arcabouço teórico consistente. A análise comparativa dos dados coletados durante a pesquisa de campo com o referencial teórico permitiu identificar padrões, tendências e possíveis áreas para futuras investigações, enriquecendo a compreensão das interações complexas que permeiam o circuito espacial da produção de hortaliças nesse contexto específico.

Por meio deste estudo, almeja-se não apenas contribuir para o conhecimento acadêmico sobre a agricultura urbana e os circuitos econômicos locais, mas também fornecer subsídios para a promoção do desenvolvimento de cultivo local, da segurança alimentar e da valorização dos agricultores locais no bairro do Puraquequara.

CAPÍTULO 1: OS CIRCUITOS DA ECONOMIA NA PERSPECTIVA GEOGRÁFICA

O presente capítulo é uma reflexão abrangente das cidades e da economia, destacando a interdependência entre os diferentes elementos do espaço geográfico. A análise dos circuitos espaciais da produção, das redes e escalas de produção, e da relação campo-cidade fornece uma compreensão mais profunda de como a economia funciona e como ela molda o espaço geográfico.

1.1. Circuitos espaciais da produção: Circuito Superior e Circuito inferior

Os circuitos espaciais da produção, divididos em Circuito Superior e Circuito Inferior, constituem uma abordagem essencial para compreender a dinâmica econômica e territorial das atividades produtivas.

Os circuitos espaciais da produção não são opostos, indissociáveis, mas complementares, pois interligam nas suas funcionalidades. Marx (1983) influenciou os conceitos de circuitos espaciais de produção e o círculo de cooperação, notadamente, em sua obra “Introdução à crítica da economia política”. Quando teorizou os processos gerais da produção, incorporando produção, circulação, troca e consumo no mesmo conjunto. Então, seguimos com a linha de raciocínio que: a produção vem com o consumo, e o consumo se reflete da produção, conseqüentemente, a distribuição é uma variável da produção.

O processo histórico contemporâneo é caracterizado por expressivos fluxos materiais e imateriais de mercadorias, informações e ideias, resultado principalmente da mundialização da produção, conjuntamente com a prestação de serviços e do consumo, todavia, não para todos, mas, para alguns setores da economia e circuitos espaciais da produção (Santos, 1988, 2006, 2001).

Com o desenvolvimento do sistema de transporte, comunicação e a inegável política dos Estados e das empresas, estes fluxos materiais e informacionais se expandem, com uma ruptura cada vez mais significativa do lugar que produz e do lugar que consome, gerando uma cadeia produtiva associada à distribuição espacial dos objetos geográficos.

Uma definição atual de circuito espacial produtivo é a de que esse circuito é constituído pelos fluxos materiais (equipamentos, objetos, mercadorias e agentes sociais) e pelos fluxos imateriais (informações e normas consubstanciadas nas transferências de capitais), realizados em um processo circulatório e articulado no espaço. (Salvador; Silva, 2017, p.126).

Desta maneira, a compreensão do circuito espacial de produção e dos círculos de cooperação no espaço, são primordiais para o entendimento das articulações dos processos socioespaciais e dos processos produtivos que se materializam no espaço.

Assim:

A noção de circuito espacial produtivo enfatiza, a um só tempo, a centralidade da circulação (circuito) no encadeamento das diversas etapas da produção; a condição do espaço (espacial) como variável ativa na reprodução social; e o enfoque centrado no ramo, ou seja, na atividade produtiva dominante (produtivo). (Castillo; Frederico, 2010, p.463).

O circuito produtivo pode ser compreendido como uma cadeia de variáveis em seu entorno, pois a circulação é destacada por uma caracterização de fluxos para o processo de produção (Castillo; Frederico, 2010). Ademais, a circulação é uma variável importante, todavia, pensar no circuito espacial produtivo é destacar a importância da categoria de espaço. Como apontado por Santos (1998):

O espaço seria um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos; não entre estes especificamente, mas para as quais eles servem de intermediários. Os objetos ajudam a concretizar uma série de relações. O espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais. (Santos, 1998, p.25).

É inevitável negar como o circuito espacial produtivo se estrutura de forma não isolada mais completa na cadeia do circuito produtivo, e como uma variável de relação para os objetos, uma vez que, a relação é híbrida, ou seja, natureza e ser humano coexistindo (Santos, 1998). Dessa forma, os circuitos espaciais de produção englobam por meio da análise os processos gerais da produção no espaço, com enfoque econômico pautado na perspectiva espacial.

O circuito espacial da produção, fraciona-se em circuito superior e circuito inferior, cada qual com suas características e variáveis, de modo complementar e dissociável, que qualificam os circuitos da economia distribuídos espacialmente, contidos de forma, processo, estrutura e função (Santos, 1988, 2006, 1997). Baseado nessas abordagens teóricas e conceituais, de acordo com Santos (1997):

[...] o fluxo do sistema superior está composto de negócios bancários, comércio de exportação e indústria de exportação, indústria urbana moderna, comércio moderno, serviços modernos, comércio atacadista e transporte. O sistema inferior está essencialmente construído por formas de fabricação de "capital não intensivo", por serviços não modernos, geralmente abastecidos pelo nível de venda a varejo e pelo comércio em pequena escala e não-moderno. (Santos, 1997, p.38-39).

O sistema superior é caracterizado por uma robusta comercialização moderna, ou seja, o sistema superior tem a tecnologia como sua aliada, por sua vez, o sistema inferior, a tecnologia é escassa. Na visão de Santos (1997), o sistema superior é dividido em atividades “puras”, “impuras” e “mistas”. A indústria urbana moderna, comércio e serviços são puros, que são simultaneamente atividades específicas na cidade como no sistema superior. A indústria e o comércio de exportação são atividades impuras, pois podem se beneficiar na cidade com as vantagens locais, mas parte do interesse é fora da cidade -, em locais que os produtos são destinados, como os negócios bancários. Os mistos, são as vendas por atacado e transporte, devido sua dupla interligação.

As meras descrições não definem totalmente cada circuito, como aponta Santos (1997, p.41), é necessário definir cada circuito pelo, “1) o conjunto das atividades num dado contexto; 2) o setor populacional que está essencialmente ligado a ele para trabalhar e para consumir”. As definições não são estáticas, quando se considera a população interligada em cada sistema, resulta em desvios.

O circuito superior utiliza da tecnologia com um elevado capital intensivo, dispondo do crédito bancário, com um grande volume de bens, e o circuito inferior é marcado pelo trabalho intensivo, utilizando crédito (crédito pessoal direto) e dinheiro líquido, trabalhando com pequenas quantidades no comércio e setor de fabricação. Conforme Bernardes (2015, p.5), esclarece que:

[...] os sistemas de objetos e ações são reveladores dos níveis técnicos adotados, dos níveis organizacionais, do funcionamento das redes empresariais, das redes de poder, das relações políticas, dos circuitos espaciais da produção e dos círculos de cooperação. (Bernardes, 2015, p.5).

Cada circuito tem suas respectivas características que serão essenciais para sua estruturação, o circuito superior é voltado para as grandes comercializações e modernidade, envolto de um poder estratégico comercial; e o circuito inferior é personificado pelo não uso exclusivo da tecnologia e com o comércio de trabalho intensivo.

A teoria dos circuitos espaciais da economia urbana, foi formulada por Milton Santos em 1970, todavia, sua teoria ainda é muito discutida e analisada na contemporaneidade na perspectiva da globalização, pois:

Parte-se da ideia de que o circuito superior coincide com os próprios motores da mais nova divisão territorial do trabalho, que se pauta nas variáveis-chave

da globalização. Essas variáveis determinantes se tornam hoje também variáveis dominantes, quando incorporadas pelos circuitos inferior e superior marginal, e transformam a economia, o uso do território. (Balbim; Arroyo; Santiago, 2024, p.32).

O circuito superior tem uma força na gama na estruturação no território sobre o trabalho, que se expande no próprio circuito inferior. Dessa forma, compreende-se a influência da globalização e do capitalismo no território.

Com o desenvolvimento socioeconômico, notam-se evoluções dos sistemas técnicos no espaço geográfico, gerando uma exclusão socioespacial, incorporado de sistemas chamado de técnico-científico-informacional, transformando-se substancialmente por máquinas. Segundo Bernardes (2015), considera que:

O uso do espaço requer previamente sua apropriação e domínio sistemático, domínio sobre a natureza e os homens, e cada modelo de apropriação reflete um modo de produção que traz implícito um nível de relações sociais de produção. (Bernardes, 2015, p.7).

Os processos espaciais são dinamizados por meios técnicos, isto é, artefatos técnicos, que emoldam as relações da sociedade, ou seja, as evoluções técnicas auxiliam no ajuste do ser humano ao espaço. Conforme uma evolução técnica sucede a outra, novos sistemas técnicos substituem os antigos, e, às vezes, continuam-se permanecendo, promovendo uma linha de transformações entre a relação do homem com o espaço, isto significa que, “É a aceleração do tempo em função das técnicas, passando a dominar os tempos rápidos” (Bernardes, 2015, p.8). As necessidades se modificam notadamente, assim, novas técnicas se aprimoram em uma velocidade cada vez maior.

De acordo com Santos (2006), os sistemas técnicos têm estrutura e evolução sistêmica, ou seja, as técnicas ficam presentes em um certo momento em um determinado período, tornando-se o alicerce material da sociedade, até que outro sistema técnico apareça. Pois:

O primeiro sistema industrial durou quase um século. O seguinte foi menos longo. A estabilidade encontrada é, pois, relativa e precária. De fato, cada etapa vencida no progresso técnico supõe a produção paralela de novas rigidezas, levando a novas disfunções e à emergência de novas invenções que, por sua vez, são erigidas em sistema. (Santos, 2006, p.114).

Segundo Santos (2006), os sistemas técnicos não se estruturam de forma isolada e indissociável, e sim, de maneiras conjuntas. Em cada desenvolvimento de uma técnica, novas incorporações precisam e são implementadas para responder às

exigências da técnica, com sistematizações mais complexas, isto é, os sistemas técnicos são abarcados por invenções e novas tecnologias.

Como aponta Santos (2006), as evoluções técnicas se dividem em três: o meio natural, o meio técnico e o meio técnico-científico-informacional.

O meio natural, é como o ser humano se firmava na natureza, no entendimento de tudo que precisa para sua existência era encontrado na natureza. Todavia, o modo de como o ser humano dependia da natureza era específica de cada grupo, porque “[...] esse meio natural generalizado era utilizado pelo homem sem grandes transformações. As técnicas e o trabalho se casavam com as dádivas da natureza, com a qual se relacionavam sem outra mediação” (Santos, 2006, p.157). A própria transformação do homem da natureza era uma técnica, como domesticação das plantas e animais.

O meio técnico, é na questão de um espaço mecanizado, com objetos não só culturais, mas culturais e, ao mesmo tempo, técnicos, com um espaço “natural” e “artificial”, com a quantidade e qualidade dos artefatos modificando para cada área. “Os objetos técnicos, maquínicos, juntam à razão natural sua própria razão, uma lógica instrumental que desafia as lógicas naturais, criando, nos lugares atingidos, mistos ou híbridos conflitivos” (Santos, 2006, p.158). A divisão internacional do trabalho aumenta significativamente, com uma razão comercial e não da natureza; é o momento das estradas de ferro, das poluições e as ofensas ao natural se aglutinarem.

O terceiro período, o meio técnico científico informacional, tem início pós-Segunda Guerra Mundial, se positivando, até mesmo nos países de terceiro mundo nos anos 1970. Este período se distingue dos anteriores, pois, neste período ciência e técnica interagem, com essa união o mercado se torna global, pois:

[...] a ideia de ciência, a ideia de tecnologia e a ideia de mercado global devem ser encaradas conjuntamente e desse modo podem oferecer uma nova interpretação à questão ecológica, já que as mudanças que ocorrem na natureza também se subordinam a essa lógica. (Santos, 2006, p.159).

No terceiro período, os objetos técnicos são simultaneamente técnicos e informacionais. Atualmente, quando pensamos nas manifestações geográficas fruto dos novos progressos, é um meio técnico científico informacional, e não mais técnico, “o meio técnico-científico-informacional é a cara geográfica da globalização” (Santos,

2006, p.160). Antes a lógica era impor para todos os territórios, com o meio técnico científico informacional, o meio geográfico é mais universal. Bernardes (2015), explica que:

Na contemporaneidade a reorganização da produção associada aos sistemas técnicos, que constituem a mais nova versão da era tecnológica, ou seja, a colagem das inovações às formas espaciais, expressa transformações nos sentidos e nas metas dos projetos de desenvolvimento dos mais poderosos, e essa relação se traduz na rapidez no avanço e na consolidação da fronteira da última modernidade. (Bernardes, 2015. p.7).

O espaço se encontra cada dia mais artificial, resultado da urbanização, mas não são todos incluídos nesse processo de urbanização, o mesmo acontece com as novas tecnologias produzidas, deixando uns à margem em um processo que não tem barreiras, dessa forma, estabelecendo relações desiguais. Conforme Bernardes (2015):

O uso do espaço requer previamente sua apropriação e domínio sistemático, domínio sobre a natureza e os homens, e cada modelo de apropriação reflete um modo de produção que traz implícito um nível de relações sociais de produção. (Bernardes, 2015, p.7).

Consoante com Bernardes (2015), compreendemos que o espaço necessita de uma organização ordenada, com modelos que contém suas próprias peculiaridades, resultando em um modo de produção que reflete seu grau de desenvolvimento em cada modelo das relações sociais da produção.

1.2. Espaço, Redes e escalas de produção

Para analisar os recortes espaciais é importante considerar as categorias geográficas. Santos (2006) destaca a importância de considerar os recortes espaciais ao analisar questões geográficas, aspectos estes como região, lugar, redes e as escalas, como uma dimensão do espaço geográfico que envolve e leva em consideração os diferentes níveis de organização e interação, pois, “da mesma maneira e com o mesmo ponto de partida, levanta-se a questão dos recortes espaciais, propondo debates de problemas como o da região e o do lugar, o das redes e das escalas” (Santos, 2006, p.13). Assim, para compreender as conceituações e abordagens das categorias geográficas, observe o **Quadro 1**.

Quadro 1 - Conceitos-chave das categorias geográficas

ESPAÇO	O espaço é descrito como o resultado material acumulado das ações humanas ao longo do tempo, animado pelas ações
---------------	--

	atuais que lhe conferem dinamismo e funcionalidade. É formado pela interação entre o material acumulado e as ações presentes, sendo uma síntese em constante reconstrução entre paisagem e sociedade.
REGIÃO	Refere-se a áreas geograficamente delimitadas que compartilham características comuns, como aspectos físicos, culturais, econômicos, entre outros. A análise regional é fundamental para compreender as disparidades e interconexões dentro de um determinado espaço.
LUGAR	Faz referência a espaços específicos que possuem significados particulares para as pessoas que os habitam. A noção de lugar envolve aspectos subjetivos, simbólicos e experiências vividas, contribuindo para a diversidade e singularidade do espaço geográfico.
TERRITÓRIO	O território é abordado como a configuração territorial, que engloba a divisão territorial do trabalho, o espaço produzido ou produtivo, as rugosidades e as formas-conteúdo. Além disso, o território inclui a realidade do meio com seus diversos conteúdos em artifício e a complementaridade entre a tecnoesfera e a psicoesfera. Também é mencionada a questão da racionalidade do espaço como um conceito histórico atual, emergente das redes e do processo de globalização.
PAISAGEM	A paisagem é definida como o conjunto de elementos naturais e artificiais que caracterizam fisicamente uma área. É a porção da configuração territorial que pode ser abarcada pela visão, incluindo objetos reais e concretos que se estendem no tempo, unindo objetos passados e presentes. A paisagem é considerada um sistema material relativamente imutável, enquanto o espaço é um sistema de valores em constante transformação, resultado da intrusão da sociedade nos objetos da paisagem
REDES	Refere-se às conexões e interações entre diferentes pontos ou nodos no

	espaço geográfico. Essas redes podem incluir desde infraestruturas físicas (como estradas e linhas de comunicação) até relações sociais e econômicas que se estendem por todo o espaço.
ESCALAS	Indica a importância de considerar as diferentes escalas de análise, desde o local até o global, para compreender as inter-relações e interdependências que ocorrem em diferentes níveis espaciais.

Fonte: Santos (2006); Adaptação: Daniel Alves (2024)

Desse modo, é necessário abordar a geografia considerando a complexidade dos recortes espaciais e as interações que ocorrem em diferentes níveis, desde o local até o global, e entre os diferentes elementos do espaço geográfico. Como aponta Santos (1998):

O espaço deve ser considerado com um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, seja a sociedade em movimento. (Santos, 1988, p.10).

Na visão de Santos (1998), o espaço geográfico contém conjuntos que se complementam, com arranjos dos objetos geográficos que se integram como objetos naturais e sociais. Conforme Santos (2006) ressalta a importância de considerar o conteúdo geográfico do cotidiano como parte integrante da realidade do espaço geográfico, juntamente com a questão da ordem mundial e da ordem local, à vista disso, “O conteúdo geográfico do cotidiano também se inclui entre esses conceitos constitutivos e operacionais, próprios à realidade do espaço geográfico, junto à questão de uma ordem mundial e de uma ordem local” (Santos, 2006, p.13). Dessa maneira, observa-se Quadro 2, alguns aspectos fundamentais da vivência e Interconexão discutidos por Milton Santos.

Quadro 2 - Aspectos Fundamentais da Vivência e Interconexão Espacial

CONTEÚDO GEOGRÁFICO DO COTIDIANO	Refere-se às práticas, vivências e interações que ocorrem no dia a dia das pessoas em determinados espaços. Isso inclui atividades como deslocamentos, uso do espaço urbano, interações sociais, trabalho, lazer, entre outros aspectos que contribuem para a construção e vivência do espaço geográfico.
---	---

<p style="text-align: center;">REALIDADE DO ESPAÇO GEOGRÁFICO</p>	<p>Enfatiza que a geografia não se restringe a uma abordagem teórica ou abstrata, mas está intrinsecamente ligada à realidade vivida pelas pessoas nos espaços em que habitam e interagem. A realidade do espaço geográfico é composta por elementos tangíveis e intangíveis que influenciam e são influenciados pelas atividades humanas e processos naturais.</p>
<p style="text-align: center;">ORDEM MUNDIAL E ORDEM LOCAL</p>	<p>Refere-se à interconexão entre os processos e dinâmicas que ocorrem em níveis globais e locais. A ordem mundial engloba as relações e interdependências que transcendem as fronteiras nacionais, enquanto a ordem local se refere às dinâmicas e características específicas de determinados lugares e comunidades.</p>

Fonte: Santos, Milton, 2006. Adaptado, Daniel Campos 2024

Santos (2006) enfatiza a importância de considerar o cotidiano como parte integrante da realidade do espaço geográfico, juntamente com a inter-relação entre as escalas global e local, enfatizando a relevância de compreender a geografia a partir das experiências e práticas cotidianas das pessoas, com as dinâmicas globais e locais.

Segundo os autores Dias e Silveira (2021), a abordagem teórico-metodológica adotada considera as redes técnicas como componentes integrantes do espaço geográfico. Além disso, sugere que a estruturação dessas redes está diretamente relacionada aos processos de produção e reprodução dos interesses da sociedade atual. Sob essa perspectiva, a compreensão do ambiente geográfico não se limita apenas à sua dimensão física, mas incorpora as intrincadas conexões das redes técnicas que o compõem, apontando a estreita relação entre a estruturação dessas redes e os processos de produção e reprodução dos interesses da sociedade contemporânea, implicando que a configuração e funcionamento dessas redes técnicas não são apenas fenômenos isolados, mas desempenham um papel crucial na moldagem e sustentação dos imperativos econômicos e sociais da atualidade.

Destarte, a análise dessas redes não apenas amplia a compreensão do espaço geográfico, mas também lança luz sobre os mecanismos pelos quais os processos produtivos e os interesses sociais se entrelaçam e se manifestam no cenário geográfico. Essa perspectiva integrada proporciona uma percepção valiosa para a compreensão mais abrangente das dinâmicas espaciais e sociais que moldam nossa realidade contemporânea.

Para Dias e Silveira (2021), a importância de pensar a organização e o funcionamento dos complexos agroindustriais com base no conceito de rede -, a noção de rede vai além da mera interconexão; sugerindo uma estrutura dinâmica e interdependente na qual os diversos participantes colaboram e compartilham recursos e informações. Essa perspectiva de rede apresenta a dinâmica relacional entre a rede e o território, enfatizando como a interconexão desses atores sociais ocorre em diferentes escalas geográficas:

[...] a principal característica estrutural da atividade agroindustrial confirma a racionalidade organizacional que simultaneamente valoriza a especialização, a articulação e a interconexão de distintos atores sociais que se localizam e operam no território em diferentes escalas. Tal compreensão permite pensar a organização e o funcionamento dos complexos agroindustriais com base no conceito de rede, levando à reflexão sobre a dinâmica relacional entre rede e território. (Dias; Silveira, 2021, p.12).

Inserida na complexidade do circuito espacial da produção agroindustrial, a análise das redes não apenas amplia a compreensão do espaço geográfico, mas também lança corrobora sobre os intrincados mecanismos pelos quais os processos produtivos e os interesses sociais se entrelaçam e se manifestam no cenário geográfico. Dias e Silveira (2021), destaca a característica estrutural da atividade agroindustrial revela a racionalidade organizacional que enfatiza a especialização, a articulação e a interconexão de atores sociais em diferentes escalas territoriais.

Essa perspectiva integrada não apenas desvela a dispersão territorial das atividades agroindustriais, mas também proporciona uma percepção valiosa para uma compreensão mais abrangente das dinâmicas espaciais e sociais que moldam nossa realidade contemporânea.

Dias e Silveira (2021), discute o circuito espacial da produção como uma mistura, entrelaçando espaço, redes e escalas de produção, somos guiados a uma compreensão mais profunda das interações complexas entre os atores sociais e os processos produtivos. Nesse contexto, a interconexão entre os participantes,

evidenciada pelo conceito de rede, não é apenas uma questão de proximidade geográfica, mas sim de colaboração dinâmica em diferentes níveis. Essa abordagem integrada permite não só mapear as interações presentes, como também antecipar como essas conexões podem moldar o futuro do desenvolvimento agroindustrial e, por extensão, as transformações socioeconômicas em um contexto mais amplo.

Dessa maneira, ao considerar o circuito espacial da produção como um sistema dinâmico de redes entrelaçadas, desvendamos camadas mais profundas das relações entre espaço, redes e escalas de produção, proporcionando uma base sólida para a compreensão da complexa tessitura que define a paisagem agroindustrial contemporânea.

Santos e Silveira (2006), destacam a influência significativa da globalização econômica na formação das atuais redes de produção em escala mundial, ressaltando que o processo complexo vai além das fronteiras nacionais, promovendo uma interconexão profunda entre diferentes regiões do planeta. Essa interligação é mediada por fluxos dinâmicos de comércio, investimentos, tecnologia e informação, resultando em uma rede global intrincada que redefine as dinâmicas econômicas e sociais.

A formação de redes de produção transcende a mera distribuição geográfica das atividades econômicas, representando uma interdependência complexa entre diferentes partes do mundo. As empresas buscam eficiência por meio da especialização em determinadas fases do processo produtivo, enquanto os países se tornam pontos modais em cadeias globais de valor. Portanto:

Os agentes sociais da produção do espaço estão inseridos na temporalidade e espacialidade de cada formação socioespacial capitalista. Refletem, assim, necessidades e possibilidades sociais, criadas por processos e mecanismos que muitos deles criaram. E são os agentes que materializam os processos sociais na forma de um ambiente construído, seja a rede urbana, seja o espaço intraurbano. Afirma-se que processos sociais e agentes sociais são inesperáveis, elementos fundamentais da sociedade e de seu movimento. (Corrêa, 2011, p.43-44).

Os fluxos de comércio global desempenham um papel central nesse cenário, permitindo a circulação de bens e serviços entre nações. Investimentos transnacionais fortalecem essa interconexão, com empresas expandindo suas operações além das fronteiras para aproveitar recursos e mercados estratégicos. A transferência de

tecnologia e conhecimento acelera o progresso e a inovação em diferentes partes do globo, contribuindo para a criação de redes de produção mais eficientes e dinâmicas.

Além disso, a revolução da informação desempenha um papel crucial na globalização das redes de produção, permitindo uma coordenação mais eficaz das operações em diferentes partes do mundo, facilitando a tomada de decisões em tempo real e promovendo uma maior integração nas cadeias de produção.

Os autores Dias e Silveira (2021), também ressaltam que a formação de redes de produção em escala mundial não apenas reflete a interconexão econômica, mas também traz consigo implicações sociais e culturais. Destaca-se a importância de compreender essas redes para analisar os impactos globais das atividades econômicas. Desta forma, a globalização econômica molda de maneira significativa o panorama econômico e social do nosso planeta por meio da formação dessas redes de produção globais.

1.3. Espaço urbano, Relação campo-cidade, rural-urbano e agricultura urbana

A relação entre o espaço urbano e rural, a interconexão entre campo e cidade, bem como o desenvolvimento da agricultura urbana, são aspectos fundamentais para compreender a dinâmica socioeconômica e territorial das áreas urbanas.

As grandes relações econômicas e sociais ocorrem na cidade, resultando em influência nas suas adjacências, pois como aponta Santos (2001, p.46), que “a cidade se torna o lugar onde melhor se esclarecem as relações das pessoas, das empresas, das atividades e dos ‘fragmentos’ do território com o país e com o ‘mundo’”. O autor destaca a cidade como um espaço privilegiado para compreender as complexas interações entre pessoas, empresas, atividades e os diferentes elementos do território em relação ao país e ao mundo. Essa perspectiva ressalta a cidade como um microcosmo que reflete e integra uma série de dinâmicas sociais, econômicas e territoriais.

A cidade é vista como um ponto de convergência, onde diferentes influências se encontram e se manifestam, criando um ambiente dinâmico e multifacetado. Essa convergência não se limita apenas ao nível local, mas também incorpora aspectos

nacionais e globais. As cidades se tornam, assim, centros de interconexão, onde as influências locais se entrelaçam com influências mais amplas.

Essa visão destaca a cidade como um espaço onde as dinâmicas sociais e econômicas são intensificadas e onde as interações entre as pessoas e as estruturas territoriais se desdobram de maneira complexa. Além disso, ela ressalta a importância de compreender as cidades não apenas como entidades isoladas, mas como parte de um sistema interconectado que abrange escalas local, nacional e global.

A cidade aparece, então, como uma semente de liberdade; gera produções históricas e sociais que contribuem para o desmantelamento do feudalismo. Representava a possibilidade do homem livre, da liberdade de escolha, muito embora esta fosse relativa, já que os ofícios eram regulamentados pelas corporações, pelas confrarias. (Santos, 1988, p.19).

Ao pensar a cidade é entender como um espaço onde as atividades econômicas não estavam exclusivamente vinculadas à produção agrícola, indicando uma diversificação de funções econômicas urbanas. Nesse contexto, as corporações e confrarias desempenhavam papéis importantes na regulação e organização das atividades urbanas, especialmente relacionadas aos ofícios e profissões.

A presença de corporações e confrarias sugere que a cidade era um ambiente onde a liberdade relativa coexistia com formas de organização regulamentada. Isso aponta para a complexidade das relações sociais e econômicas na cidade, onde diferentes setores e profissões podiam coexistir e operar dentro de estruturas regulamentadas. Essas organizações desempenhavam um papel crucial na definição de padrões de qualidade, na formação de aprendizes, na resolução de disputas e em outros aspectos que contribuíam para a ordem e a eficiência nas atividades econômicas urbanas.

A cidade, nesse contexto, emerge como um espaço multifacetado, onde as interações sociais e econômicas eram gerenciadas por meio de estruturas específicas, como as corporações e confrarias. Essa dinâmica ressalta a riqueza e a diversidade das atividades econômicas urbanas, destacando que a cidade não era apenas um centro de produção, mas também um local onde diferentes profissões e setores interagiam, influenciavam-se mutuamente e eram regulamentados por instituições específicas. Essa compreensão contribui para uma visão mais abrangente da cidade como um ambiente complexo e dinâmico ao longo do tempo.

À coalescência de funções, que é o seu pressuposto, é tanto mais intrincada quanto mais indiscutível o fenômeno urbano. E', em última análise, a essa autonomia que se vai dever, na generalidade a presença dos elementos que conduzem à formação de um meio geográfico diferenciado. (Santos, 1959, p.08).

A coalescência de funções se refere à combinação e interdependência de diversas atividades e funções que ocorrem no ambiente urbano. Santos (1959) destaca que essa coalescência de funções é mais complexa à medida que o fenômeno, urbano se torna mais evidente e incontestável.

Santos (1959), corroborando com a ideia da autonomia do ambiente urbano, ou seja, sua capacidade de se autorregular e de se diferenciar do ambiente rural, é atribuída à presença dos elementos que contribuem para a formação de um meio geográfico diferenciado. Isso sugere que a presença e interação desses elementos no ambiente urbano são responsáveis pela sua complexidade e pela sua distinção em relação ao meio rural. Ademais, destaca-se a complexidade das funções urbanas e como a presença desses elementos contribui para a formação de um ambiente urbano distintivo e autônomo em termos geográficos.

Em relação a campo-cidade Santos (2001, p. 44), ressalta que, “a agricultura moderna se realiza por meio dos seus belts, spots, áreas, mas a sua relação com o mundo e com as áreas dinâmicas do país se dá por meio de pontos”. A agricultura moderna é realizada por meio de áreas específicas, como belts, spots e outras regiões agrícolas. No entanto, a relação dessas áreas com o mundo e com outras regiões dinâmicas do país ocorre por meio de pontos específicos. Esses pontos podem ser cidades regionais ou outros locais que funcionam como centros de informação e atividade econômica relacionados à agricultura.

Santos (1959), essa dinâmica sugere que a agricultura moderna não é uma atividade isolada, mas está integrada a outras atividades econômicas e sociais em diferentes regiões do país e do mundo. Os pontos de conexão entre as áreas agrícolas e outras regiões dinâmicas são importantes para a troca de informações, tecnologias e produtos, bem como para a coordenação das atividades econômicas em diferentes escalas. Essa compreensão é importante para entender a agricultura moderna como uma atividade complexa e interconectada, que depende de uma rede de pontos de conexão para se relacionar com outras atividades econômicas e sociais em diferentes regiões.

Para Santos (1959), existe uma dificuldade enfrentada ao tentar definir o fenômeno urbano na geografia humana, ressaltando a complexidade reside no desafio de definir uma cidade sem fazer referência à sua posição em relação ao ambiente rural. Dessa forma, é difícil separar a definição de uma cidade de sua relação com o campo ou o ambiente rural circundante.

Santos (1959), fala que é complicado determinar os elementos que permitiriam identificar, em meio a uma determinada forma de organização do espaço, a presença de uma cidade, significando que a definição do que constitui uma cidade não é apenas uma questão de delimitação geográfica, mas também envolve a identificação de elementos específicos que caracterizam a presença de uma entidade urbana em meio a outras formas de organização do espaço.

É rígido definir o que é uma cidade, mostrando que é difícil separar a vida urbana da relação com o campo e identificar o que torna uma área urbana única em meio a diferentes formas de organização do espaço. Segundo Marx (1996), a produção capitalista tem um impacto significativo na relação entre a população urbana e a terra. Com o crescimento da população nas cidades, a produção capitalista se torna uma força motriz importante na sociedade, mas isso também perturba o equilíbrio ecológico entre o homem e a terra. Marx (1996), o solo precisa dos nutrientes que são retirados dele para produzir alimentos e vestuário, e a produção capitalista não permite que esses nutrientes sejam devolvidos à terra. Dessa maneira, resulta na degradação da fertilidade do solo e na perda de sua capacidade de produzir alimentos saudáveis. Além disso, a produção capitalista também tem impactos negativos na saúde física dos trabalhadores urbanos, que muitas vezes são expostos a condições de trabalho insalubres, e na vida espiritual dos trabalhadores rurais, que perdem sua conexão com a terra e com a natureza.

Conforme Castillo et al., (2016), no cenário atual do agronegócio no Brasil, as relações entre as áreas rurais e urbanas estão se tornando mais complicadas, isto é, significa que há uma quantidade maior de produtos e informações, circulando entre esses dois espaços. Esta intensificação das conexões está causando mudanças significativas em como as áreas rurais e urbanas estão organizadas no Brasil.

As atividades nas cidades e no campo estão cada vez mais interligadas, o que está influenciando não apenas a agricultura, mas também como as cidades se desenvolvem e como as diferentes regiões interagem entre si. Essas mudanças estão

acontecendo de forma mais intensa do que no passado, e estão afetando não só a economia, mas também como as cidades são estruturadas e como as diferentes regiões do país se relacionam.

Para a agricultura urbana, Machado e Machado (2002), discutem que à diversidade de práticas agrícolas que podem ser utilizadas em áreas urbanas para a produção de alimentos. Devido à falta de espaço e à contaminação do solo em áreas urbanas, muitas vezes é necessário utilizar técnicas alternativas, como a hidroponia ou a organoponia (hidroponia orgânica), que permitem o cultivo de plantas sem solo. Além disso, as hortas caseiras e coletivas, a produção de vegetais em cercas e em recipientes como vasos, pneus e garrafas do tipo "pet" também são práticas comuns na agricultura urbana. Essa variedade de técnicas permite que a agricultura urbana seja adaptada a diferentes contextos e necessidades, tornando-a uma opção viável para a produção de alimentos em áreas urbanas.

A agricultura urbana desempenha um papel importante com características importantes, pois, "Entre as principais contribuições da agricultura urbana, podemos destacar três áreas fundamentais: bem-estar, meio ambiente e economia" (Machado; Machado, 2002, p.23). Essa passagem do texto destaca as principais contribuições da agricultura urbana em três áreas fundamentais: bem-estar, meio ambiente e economia.

Machado e Machado (2002), fala que em relação ao bem-estar, a agricultura urbana pode melhorar a qualidade de vida das pessoas, proporcionando acesso a alimentos frescos e saudáveis, além de promover a atividade física e a conexão com a natureza. No que diz respeito ao meio ambiente, a agricultura urbana pode contribuir para a redução do acúmulo de lixo, melhorar a qualidade da água e do ar, além de promover a biodiversidade e a conservação dos recursos naturais.

Machado e Machado (2002) em relação à economia, a agricultura urbana pode gerar empregos e renda, além de reduzir os custos com transporte e armazenamento de alimentos, tornando a produção e o consumo de alimentos mais acessíveis em relação ao preço. Essas três áreas são interdependentes e estão intimamente ligadas, demonstrando a importância da agricultura urbana como uma prática de cultivo e integrada para o desenvolvimento de sistemas alimentares urbanos mais resilientes.

“[...] na agricultura urbana, a produção e a venda (e também o processamento) tendem a estar mais interrelacionados no tempo e no espaço, graças à maior proximidade geográfica e ao fluxo de recursos mais rápido” (Mougeot, 2019, p.02). Na agricultura urbana, a proximidade geográfica entre os locais de produção, venda e processamento dos produtos agrícolas desempenha um papel crucial. Essa proximidade permite que essas atividades estejam mais interrelacionadas no tempo e no espaço. Por exemplo, um agricultor urbano pode cultivar hortaliças em terrenos próximos à área urbana, o que reduz significativamente o tempo e a distância necessários para transportar os produtos até os pontos de venda, como feiras ou mercados locais.

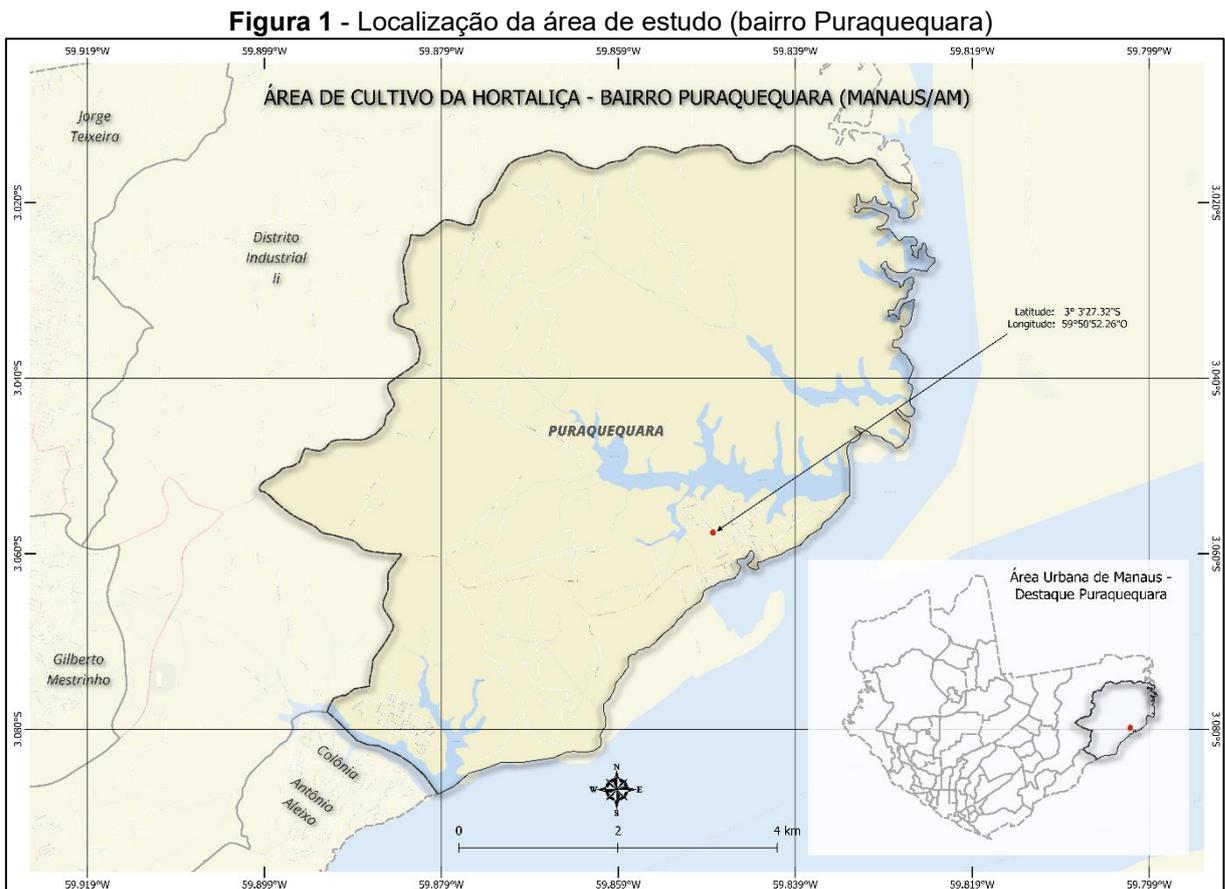
Mougeot (2019), além disso, a proximidade geográfica facilita o processamento imediato dos produtos logo após a colheita, uma vez que os locais de processamento podem estar próximos aos locais de produção, refletindo em um fluxo mais rápido de recursos, pois os produtos podem ser processados e disponibilizados para venda em um curto espaço de tempo após a colheita, mantendo sua frescura e qualidade.

Essa interconexão no tempo e no espaço na agricultura urbana é favorecida pela menor distância entre os diferentes estágios da produção e comercialização, o que pode resultar em uma maior eficiência operacional, redução de custos logísticos e maior frescor dos produtos para os consumidores urbanos.

CAPÍTULO 2: CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

2.1. Area de Estudo

O bairro do Puraquequara, localizado na zona leste da cidade de Manaus (Figura 1), apresenta uma interessante dualidade entre características urbanas e rurais. Sua história de ocupação e desenvolvimento reflete essa transição ao longo do tempo.



Fonte: IBGE (2022). Organização: ALVES, D. 2024

De acordo com Rubim e Ferraz (2020), inicialmente, o bairro Puraquequara surgiu como uma pequena comunidade rural, formada por famílias que migraram de áreas rurais em busca de novas oportunidades na cidade. Essas famílias se estabeleceram em áreas de várzea às margens do Rio Amazonas, mantendo práticas e costumes típicos do meio rural, como a pesca e a agricultura de subsistência.

Ainda de acordo com Rubim e Ferraz (2020), com o passar do tempo e o aumento da população, o bairro passou por um processo gradual de urbanização. Foram sendo implementadas infraestruturas urbanas, como eletricidade, água

encanada, saneamento básico, escolas e postos de saúde. Além disso, a proximidade com a cidade de Manaus e a influência da Zona Franca contribuíram para essa transformação, tornando Puraquequara uma área mais urbanizada.

No entanto, mesmo com o desenvolvimento urbano, o bairro ainda mantém elementos de sua origem rural. A relação próxima com a natureza e as práticas tradicionais, como a pesca e a agricultura de subsistência, continuam presentes na vida dos moradores.

Assim, a dualidade entre características urbanas e rurais em Puraquequara reflete não apenas a transição que o bairro vivenciou ao longo do tempo, mas também sua capacidade de integrar diferentes modos de vida e de manter uma conexão especial com suas origens.

2.2. Método

A escolha do método ideal para uma pesquisa científica é um processo crucial que envolve a seleção da abordagem mais adequada para responder às perguntas de pesquisa de forma eficaz.

Ao escolher o método, o pesquisador deve considerar a natureza do problema de pesquisa, os objetivos do estudo, a disponibilidade de recursos e o contexto em que a pesquisa será realizada. É essencial que o método selecionado seja capaz de fornecer resultados válidos e confiáveis, garantindo a qualidade e a relevância da pesquisa.

De acordo com Marconi e Lakatos (2008), a escolha do método ideal para uma pesquisa requer uma análise cuidadosa e criteriosa, levando em consideração diversos aspectos para garantir a qualidade e relevância da pesquisa realizada.

Para esta pesquisa foi utilizado o método dialético, pois segundo Marconi e Lakatos (2008), o método dialético é o método caracterizado pela análise das contradições inerentes aos fenômenos, pela compreensão da interação recíproca entre diferentes elementos e pela consideração da mudança dialética que ocorre na natureza e na sociedade. Essa abordagem busca capturar a dinâmica e a complexidade dos fenômenos estudados, reconhecendo que as contradições e as mudanças são parte integrante do processo de investigação.

Nesse sentido, o método dialético aplicado à pesquisa sobre o circuito espacial da produção de hortaliças no bairro do Puraquequara permite uma análise profunda das contradições inerentes a esse sistema, considerando as perspectivas divergentes dos diversos atores envolvidos. Ao identificar e compreender as tensões entre métodos de produção, desigualdades socioeconômicas e demandas de mercado, a pesquisa busca integrar essas diferentes visões para oferecer uma compreensão mais holística e informada desse circuito.

2.3. Tipos de Pesquisa

Esta pesquisa investiga o circuito espacial da produção de hortaliças no bairro do Puraquequara, utilizando uma abordagem multidisciplinar que integra três tipos distintos de pesquisa: descritiva, exploratória e qualitativa. Com o objetivo de compreender profundamente esse sistema de cultivo local, cada tipo de pesquisa será empregado de forma complementar, permitindo uma análise abrangente e contextualizada das características, dinâmicas e desafios enfrentados pelos produtores e consumidores locais.

Para Gil (2008), a pesquisa descritiva é um método de pesquisa que se concentra em descrever características de uma população, fenômeno ou estabelecer relações entre variáveis. Por meio do uso de técnicas padronizadas de coleta de dados, como questionários, entrevistas estruturadas e observações sistemáticas, os pesquisadores podem investigar aspectos como distribuição demográfica, condições socioeconômicas e comportamentais. Este tipo de pesquisa é valioso para pesquisadores sociais que buscam compreender e descrever detalhadamente um tema específico, sem necessariamente buscar explicações causais.

As pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados. (GIL, 2008, p.28).

Por incluir estudos sobre características do bairro, condições de vida, comportamentos, entre outros aspectos. Na pesquisa sobre o circuito espacial da produção de hortaliças no bairro do Puraquequara, tem uma abordagem descritiva que envolve a análise da distribuição geográfica dos produtores, a identificação dos

principais métodos de cultivo utilizados e a caracterização dos produtores e consumidores de hortaliças.

Na pesquisa Exploratória, segundo Gil (2008), são conduzidas com o propósito de fornecer uma visão geral, aproximativa, sobre um determinado fato. Esse tipo de pesquisa é especialmente útil quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se desafiador formular hipóteses precisas e operacionalizáveis. Em vez de buscar respostas definitivas, as pesquisas exploratórias buscam gerar insights iniciais, esclarecer conceitos e identificar possíveis direções para estudos mais aprofundados. Por meio de métodos como revisão da literatura, entrevistas não padronizadas e estudos de caso, os pesquisadores podem explorar novas áreas de interesse e estabelecer as bases para investigações futuras mais estruturadas.

Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis. (GIL, 2008, p.27)

No contexto da pesquisa sobre o circuito espacial da produção de hortaliças no bairro do Puraquequara, uma abordagem exploratória inclui entrevistas com produtores locais para entender seus métodos de cultivo e desafios enfrentados, visitas a feiras ou mercados para observar a oferta de hortaliças e discussões na agricultura urbana para explorar tendências e possíveis direções de pesquisa.

E por último a parte na análise qualitativa, onde segundo Gil (2008), diz que pesquisadores que utilizam a análise qualitativa buscam identificar padrões, temas e significados subjacentes aos dados por meio de métodos como análise de conteúdo, análise de discurso e análise de narrativas. Essa abordagem permite uma exploração detalhada de experiências, percepções e contextos sociais, o que contribui para uma compreensão mais rica e contextualizada dos fenômenos estudados. Amplamente empregada em disciplinas como ciências sociais, psicologia, antropologia e educação, a análise qualitativa é essencial para investigar questões complexas e capturar a diversidade e subjetividade das experiências humanas.

No contexto da pesquisa sobre o circuito espacial da produção de hortaliças no bairro do Puraquequara, uma abordagem qualitativa envolve entrevista com o produtor, para entender suas motivações e desafios. Além disso, a observação participante em atividade de cultivo na pequena propriedade pode fornecer

percepções sobre as dinâmicas de produção e distribuição do circuito de produção de hortaliças.

2.4. Procedimentos metodológicos

Os procedimentos metodológicos práticos compreendem um conjunto de levantamento de informações e dados acerca do fenômeno investigado. Nesse sentido, foram conduzidas pesquisas bibliográficas com autores que abordam a temática discutida neste estudo, a pesquisa documental acessada por meio de ferramentas digitais (internet) e a realização de uma investigação de campo no bairro de Puraquequara, delimitação geográfica deste trabalho de conclusão de curso, focada nas práticas de cultivo de hortaliças. Durante a pesquisa de campo, foram conduzidas entrevistas não estruturadas com agricultores locais, especialmente aqueles envolvidos na agricultura urbana, visando compreender suas estratégias de plantio, obstáculos enfrentados e dinâmicas de venda de produtos cultivados na sua propriedade. Essas entrevistas foram complementadas por observações ativas, proporcionando uma imersão mais profunda no contexto específico e uma compreensão mais abrangente das práticas e interações no ciclo espacial da produção de hortaliças no bairro de Puraquequara.

2.4.1. Referencial Teórico

Os procedimentos metodológicos desta pesquisa envolveram uma abordagem multidisciplinar que integrou a revisão da literatura existente, com ênfase nos principais autores como Milton Santos (1959; 2006), Leila Dias e Rogério Silveira (2010) e Ricardo Castillo (2010;2016) através de livros, artigos e revistas digitais especializadas em agricultura urbana e estudos sobre o espaço urbano.

2.4.2. Entrevista da Entrevista de Campo

A pesquisa e entrevista de campos foi realizado no dia 27.01.2024. A pesquisa contou com entrevista não estruturada realizada com dois entrevistados representativos do contexto local do bairro do Puraquequara e envolvidos na produção de hortaliças. As entrevistas foram conduzidas de forma não direcionada, sem um roteiro pré-estabelecido de perguntas, permitindo uma abordagem mais flexível e aberta.

As entrevistas ocorreram presencialmente, na pequena propriedade dos entrevistados, proporcionando um ambiente familiar para a troca de informações. Durante as conversas, foram abordados diversos temas relacionados às técnicas de cultivo, preparação da terra, processo de separação das hortaliças, funcionamento do comércio local e os diferentes agentes envolvidos na cadeia produtiva até a distribuição nos supermercados.

A minha vivência prévia no bairro do Puraquequara também contribuiu significativamente para a condução das entrevistas, permitindo uma compreensão mais profunda das dinâmicas locais e facilitando o estabelecimento de uma relação de confiança com os entrevistados. Durante as entrevistas, foram feitos registros por meio de áudio via smartphone e anotações escritas detalhadas. Além disso, foram realizados registros fotográficos para complementar as informações coletadas.

Durante a entrevista, foi perceptível a facilidade com que as informações eram transmitidas e alguns detalhes da conversa eram compartilhados, proporcionando um ambiente de conforto para o entrevistado expressar suas opiniões e até mesmo fazer observações sobre as dificuldades enfrentadas no dia a dia. Em alguns momentos, ficou evidente a insatisfação em relação a certas medidas, como os preços oferecidos e as dificuldades enfrentadas como agricultor, devido à falta de retorno satisfatório.

2.4.3. Análises dos resultados obtidos para escrita dos resultados

Com base nas informações fornecidas, a análise dos resultados obtidos envolveu uma avaliação detalhada das respostas realizadas com o agricultor do bairro do Puraquequara. Durante a entrevista, foram identificados diversos temas e questões importantes relacionados às práticas de produção de hortaliças, às dificuldades enfrentadas pelos agricultores e às dinâmicas do mercado local. Os resultados foram organizados e categorizados de acordo com os principais tópicos abordados, destacando as percepções dos entrevistados sobre os desafios econômicos, enfrentados na produção e comercialização de hortaliças.

Além disso, a análise dos resultados também incluiu a interpretação das observações realizadas durante a pesquisa de campo, como as condições das pequenas propriedades de cultivo, a infraestrutura disponível e as práticas de cultivo adotadas pelos agricultores. Essas observações foram essenciais para complementar

as informações obtidas nas entrevistas e fornecer uma visão mais abrangente do contexto local.

Os dados coletados foram então comparados e contrastados com o referencial teórico revisado durante a pesquisa bibliográfica, permitindo uma análise mais aprofundada das questões discutidas pelos agricultores em relação aos conceitos teóricos. Essa análise comparativa ajudou a contextualizar os resultados dentro de um quadro teórico mais amplo e a identificar padrões, tendências e possíveis áreas para futuras investigações.

Por fim, os resultados obtidos foram apresentados de forma clara e objetiva, utilizando exemplos específicos das observações de campo para ilustrar as conclusões alcançadas. Essa abordagem permitiu uma descrição detalhada das percepções do agricultor sobre o circuito espacial da produção de hortaliças no bairro do Puraquequara e contribuiu para uma compreensão mais completa das dinâmicas envolvidas nesse contexto.

CAPÍTULO 3: CIRCUITO ESPACIAL DA PRODUÇÃO DE HORTALIÇAS NO MUNICÍPIO DE MANAUS-AM

3.1 Técnicas da agricultura urbana e comercialização (circuito Superior e Inferior)

No contexto econômico, o circuito inferior engloba uma diversidade de atividades ligadas ao pequeno comércio, à produção de bens manufaturados de capital não intensivo e a uma ampla gama de serviços tradicionais. Este circuito se destaca por sua natureza artesanal e tradicional, desde o comércio local até a produção de hortaliças. Dentro desse cenário, os agricultores locais desempenham um papel fundamental, contribuindo com a produção de alimentos para o consumo local e regional gerando renda para as famílias de trabalhadores e trabalhadoras agricultoras.

Durante a pesquisa realizada com um agricultor local no bairro Puraquequara, zona leste de Manaus, conheci o processo de cultivo de hortaliças em sua pequena propriedade de hortaliças, revelando um acompanhamento cuidadoso ao longo das diferentes fases de cultivo de hortaliças. Conforme Santos (1997), descreve um sistema econômico que é predominantemente caracterizado por formas de produção e serviços que não exigem grandes investimentos de capital ou tecnologia avançada, e que são geralmente apoiados por vendas a varejo e comércio em pequena escala. O Entrevistado, integrante do circuito inferior da economia, destacou a importância crucial de seguir um cronograma específico para garantir a produção de hortaliças ao longo do ano.

No início do ciclo de cultivo, o agricultor mencionou a fase de preparação da terra (Figura 2). Nesta etapa, o terreno é arado, adubado e nivelado para criar as condições ideais para o plantio das hortaliças. A escolha dos adubos e corretivos é fundamental para garantir a fertilidade da terra e o desenvolvimento das couves, coentro e alface.

Figura 2 - Preparação da terra



Fonte: ALVES, D. 2024

Em outra fase, o Entrevistado 1 mencionou como cuida das mudas recém-germinadas em um berçário, onde são protegidas do sol forte e de outras condições climáticas extremas. Foi falado sobre a necessidade de monitorar de perto o crescimento das mudas e garantir que elas recebam água e nutrientes adequados.

De modo geral, o berçário (Figura 3) é um ambiente criado com caixas de madeira ou recipientes de isopor, onde cada muda é individualmente separada por pequenos blocos. Essa configuração permite um cuidado personalizado com cada muda, garantindo que recebam a quantidade adequada de água, luz e nutrientes durante seu estágio inicial de desenvolvimento.

Figura 3 - Berçário da Couve

Fonte: ALVES, D. 2024

A fase de crescimento, as plantas se desenvolvem, aumentando suas folhas por meio do crescimento de raízes. Fatores como luz solar, água, nutrientes do solo e temperatura desempenham um papel crucial nesse processo, exigindo dos agricultores a aplicação de práticas de adubação e controle de pragas.

Conforme abordado por Dias e Silveira (2021), o uso de agrotóxicos é essencial para plantio de grandes proporções, para obter maiores quantidades de alimentos. Nas Figuras 4 e 5, é notável o cultivo em grande escala de alfaces e couves, exibindo tamanhos significativos. Para alcançar esse porte, é imprescindível o emprego de fertilizantes específicos, levando em conta as exigências do mercado para sua comercialização nas prateleiras. Os gerentes dos setores de hortifrúti dos supermercados enfatizam que os consumidores preferem adquirir couves e alfaces com folhas amplas e sem cortes. Em consequência, é necessário o uso de fertilizantes e agrotóxicos ao longo do processo de cultivo para atender a essas demandas.

Figura 4 - Mudas de couve em processo de crescimento



Fonte: ALVES, D. 2024

Figura 5 - Processo de amadurecimento das mudas de couve



Fonte: Daniel Campos 2024

Durante a entrevista, o agricultor ressaltou a importância de manter a terra sempre úmida, o que pode ser bastante trabalhoso e dependente do esforço físico dos trabalhadores. Em algumas situações, a falta de energia no bairro torna o sistema de irrigação manual, resultando em um esforço físico adicional e impactando a saúde dos trabalhadores. Além disso, o trabalho é árduo, muitas vezes sem folgas ou descanso durante o dia. Marx (1996, p. 132) fala que “com isso, ela destrói simultaneamente a saúde física dos trabalhadores urbanos e a vida espiritual dos trabalhadores rurais”. Essa citação de Marx (1996), refere-se aos impactos negativos da produção capitalista na sociedade. Marx argumenta que a produção capitalista, ao acumular a força motriz histórica da sociedade e concentrar a população em grandes centros urbanos, acaba por perturbar o equilíbrio natural entre o homem e a terra. Isso resulta na destruição da saúde física dos trabalhadores urbanos, que muitas vezes são expostos a condições de trabalho insalubres e prejudiciais à saúde.

Outro fator muito importante destacado durante a entrevista, foi o uso de agrotóxicos, que acaba demandando grandes quantidades para aumentar a produção. Segundo o entrevistado, a justificativa para essa prática é a crença de que “não há alimento sem o uso de agrotóxicos”, além da grande quantidade de hortaliças exigida pelos mercados para atender à demanda dos consumidores. A afirmação de que “não há alimento sem o uso de agrotóxicos” é frequentemente debatida no contexto do cultivo de hortaliças e em grandes plantações. Enquanto os agrotóxicos são amplamente utilizados na agricultura convencional para controlar pragas e doenças e aumentar a produtividade das colheitas, há crescente preocupação com os impactos negativos desses produtos químicos na saúde humana e no meio ambiente.

Ao chegar na fase de colheita, os agricultores dedicam cuidado e atenção especial à separação das hortaliças, como alfaces e couves, após o seu cultivo. Neste momento, é essencial utilizar técnicas precisas para assegurar a qualidade dos produtos que serão destinados aos consumidores. As hortaliças são colhidas, de forma manual sem o auxílio de ferramentas apropriadas, priorizando um manuseio delicado para evitar danos às folhas e estruturas das plantas. Após a colheita, as hortaliças passam por uma seleção com base em critérios como tamanho, formato e qualidade, garantindo que apenas os produtos mais bonitos e em ótimas condições sejam escolhidos para serem vendidos nos supermercados.

Ao longo dos meses seguintes, o Entrevistado 2 destacou a importância da rotação de culturas, do manejo da fertilidade do solo e da manutenção da saúde das plantas para garantir a continuidade e a produção de hortaliças em seu terreno. Essas informações fornecidas pelo agricultor durante a pesquisa demonstram a dedicação e o conhecimento necessários para o cultivo de hortaliças ao longo das diferentes fases, ressaltando a importância de práticas não sustentáveis e integradas para o sucesso da produção dessas hortaliças. O uso de agrotóxicos é considerado não sustentável por diversas razões que afetam tanto o meio ambiente quanto a saúde humana. Em primeiro lugar, esses produtos têm um impacto ambiental significativo, contaminando o solo, a água e o ar. Sua persistência no ambiente pode causar danos duradouros e afetar não apenas as áreas de aplicação, mas também ecossistemas adjacentes.

Além disso, os agrotóxicos representam uma ameaça para a saúde humana, podendo causar desde irritações cutâneas e respiratórias até doenças crônicas e câncer. A exposição crônica ou aguda a essas substâncias pode ter efeitos devastadores nas comunidades de cultivo e nos consumidores dessas hortaliças.

3.2 Circuitos Espaciais da produção de hortaliças

Durante a conversa, exploramos o funcionamento do sistema de vendas de hortaliças em Puraquequara, com foco na comercialização através das redes de supermercados. Ele mencionou sua experiência anterior trabalhando com atravessadores, que desempenhavam o papel de intermediários entre os agricultores e os gerentes de supermercados. Anteriormente, o Entrevistado 1 não vendia diretamente suas hortaliças para os atravessadores, mas sim os atravessadores facilitavam a conexão entre ele e os supermercados, agindo como agentes de intermediação nesse processo.

Os atravessadores desempenham um papel crucial na cadeia de comercialização dos produtores, atuando como intermediários entre os agricultores e as redes de supermercados. Em muitas áreas, como no bairro do Puraquequara, os agricultores dependem desses atravessadores devido à sua incapacidade de emitir notas fiscais das hortaliças comercializadas, o que limita sua capacidade de acessar diretamente os mercados varejistas. Dias e Silveira (2021), discute que a logística empresarial é um elemento crucial para a eficiência na comercialização de produtos,

especialmente em redes de varejo que possuem centros de distribuição e lojas em diversas localidades. De acordo com o livro "Redes, sociedades e territórios",

é o caso de redes do grande varejo, incluindo centros de distribuição e lojas espalhadas pelo território, que devem ser abastecidos obedecendo a um complexo mecanismo que considera um sistema centralizado de compras em grande escala, demandas específicas de cada ponto de venda, leis municipais que restringem horários de entrega. (Dias e Silveira, 2021, p. 282).

Essa citação destaca a complexidade envolvida no abastecimento de redes de varejo, mostrando como diferentes fatores influenciam o abastecimento das lojas e a necessidade de adaptação por parte dos fornecedores. A logística empresarial, portanto, é um elemento fundamental para garantir a eficiência na distribuição de produtos e a satisfação dos clientes.

Essa dependência dos atravessadores surge da necessidade dos agricultores de garantir a venda de suas hortaliças, mesmo sem a capacidade de realizar transações comerciais formais. Os atravessadores preenchem essa lacuna, assumindo a responsabilidade pela comercialização das hortaliças junto às redes de supermercados, facilitando o acesso dos agricultores aos mercados e garantindo um fluxo contínuo de vendas.

A dependência dos atravessadores pode deixá-los em uma posição vulnerável, sujeitos a práticas comerciais injustas que reduzem suas margens de garantir a renda familiar e os colocam em desvantagem nas negociações. Enquanto os agricultores buscam garantir a renda familiar, muitas vezes não têm controle sobre os preços de venda ou as condições comerciais, já que esses aspectos são determinados pelos atravessadores ou pela estrutura mais ampla do mercado.

É importante reconhecer a distinção entre a busca por renda familiar por parte dos agricultores e a busca por garantir a renda familiar por parte dos detentores do capital e dos meios de produção. Enquanto os agricultores muitas vezes buscam apenas garantir um meio de subsistência para suas famílias, os detentores do capital buscam acumular garantir a renda familiar e expandir seus negócios. Esta diferença fundamental pode levar a dinâmicas desiguais de poder e negociação no sistema agrícola.

Os agricultores do circuito inferior da economia frequentemente enfrentam desafios relacionados à comercialização de seus produtos. Os atravessadores, presentes nesse circuito, muitas vezes oferecem preços injustos aos produtores,

visando obter lucros mais elevados para si mesmos. Isso pode resultar em uma remuneração inadequada para os agricultores, que acabam recebendo menos do que o valor justo por seus produtos.

Além disso, os agricultores podem se tornar dependentes dos atravessadores para venderem seus produtos, especialmente se não possuem acesso direto a outros canais de comercialização. Essa dependência os coloca em uma posição vulnerável, sujeitos aos termos e condições impostos pelos atravessadores.

Outro desafio enfrentado pelos agricultores é a disparidade nos preços que são pagos, onde muitas vezes acabam recebendo menos devido à alta demanda. De acordo com o Entrevistado 2, a situação é agravada pelo fato de que muitos agricultores não possuem experiência em negociações, o que os coloca em desvantagem e resulta em preços injustos para seus produtos. Como resultado, os agricultores acabam sofrendo as consequências, não recebendo o valor justo pelo trabalho e esforço investidos em sua produção.

Ademais, a falta de incentivo à qualidade é uma preocupação, uma vez que os atravessadores muitas vezes priorizam a quantidade em detrimento da qualidade. Isso pode levar os agricultores a aumentarem a produtividade da produção para abastecimento dos mercados locais e regionais, comprometendo a qualidade dos produtos.

A melhor forma de comercialização encontrada pelo entrevistado foi por meio da regularização dos documentos fiscais para que pudesse ter o domínio total das vendas. No entanto, esse processo demandou custos governamentais (taxas administrativas) significativos e não houve apoio suficiente por parte dos órgãos governamentais para ajudar o entrevistado nessa transição. Encontrar compradores também tem sido um desafio, uma vez que a maioria já possui parcerias estabelecidas ou contratos com agricultores fornecedores. Isso torna a competição ainda mais acirrada para os pequenos agricultores, a competição é estabelecida principalmente pelos compradores, que já possuem parcerias estabelecidas ou contratos com agricultores fornecedores que muitas vezes se veem obrigados a aceitar valores abaixo do mercado devido à oferta limitada de compradores.

Além disso, os custos de produção são altos, com gastos diários durante o cultivo, o que reduz ainda mais a renda familiar dos agricultores. A alta pedida da

demanda por hortaliças também representa um desafio adicional, já que os agricultores correm o risco de perder clientes se não conseguirem suprir as necessidades exigidas pelo comprador.

. Assim, os pequenos agricultores enfrentam uma luta diária para vender seus produtos, equilibrando a oferta e a demanda, enquanto buscam garantir um preço justo e de boa qualidade para seu trabalho árduo. De acordo com Dias e Silveira (2021), destaca a relação desigual entre pequenos agricultores e grandes empresas, mostrando como a contratualização da venda da produção pode beneficiar as empresas em detrimento dos agricultores. Essa dinâmica pode tornar ainda mais difícil para os pequenos agricultores garantir preços justos e equilibrar a oferta e a demanda de seus produtos

Em relação ao transporte, também é uma questão desafiadora para os produtores do bairro Puraquequara, uma vez que há somente uma estrada de acesso que liga o bairro à região central de Manaus. Esta estrada frequentemente está em péssimas condições e não tem uma largura considerável para o tráfego. Quando ocorrem acidentes na via, como ilustrado nas Figuras 5 e 6, a estrada fica completamente bloqueada, deixando o bairro isolado. Na maioria das vezes, esses acidentes envolvem carretas, o que resulta em atrasos para a entrega das hortaliças nos pontos de venda.

Nas (Figuras 6 e 7), destacada a situação enfrentada tanto pelos agricultores quanto pelos moradores de Puraquequara devido à única estrada de acesso ao bairro. Em casos de acidentes, como os ilustrados nas imagens, a demora para receber socorro e para a liberação da via é significativa. A maioria dos acidentes envolve carretas, o que torna a liberação da via ainda mais demorada, pois muitas vezes é necessário um guincho especializado para remover esses veículos. Essa situação cria obstáculos adicionais para os agricultores que dependem da estrada para transportar seus produtos para venda e para os moradores que necessitam de acesso rápido a serviços de emergência e outras necessidades básicas.

Figura 6 - Acidentes e bloqueio da pista do Puraquequara



Fonte: Portal G1 Amazonas, 2018

Figura 7 - Acidentes ocasionando bloqueio na pista



Fonte: Portal do Holanda, 2023

Nessas situações, os compradores muitas vezes não compreendem o motivo dos atrasos e podem cancelar a entrega, especialmente porque alguns supermercados têm horários específicos para o recebimento de entregas nas docas. Se o horário é perdido, devido ao bloqueio da estrada, isso pode resultar em longos períodos de espera até que ocorra o descarregamento. Isso pode ser especialmente problemático se as hortaliças, como couve ou alface, não estiverem armazenadas e com temperatura adequada, pois as folhas podem murchar e levar à perda da produção.

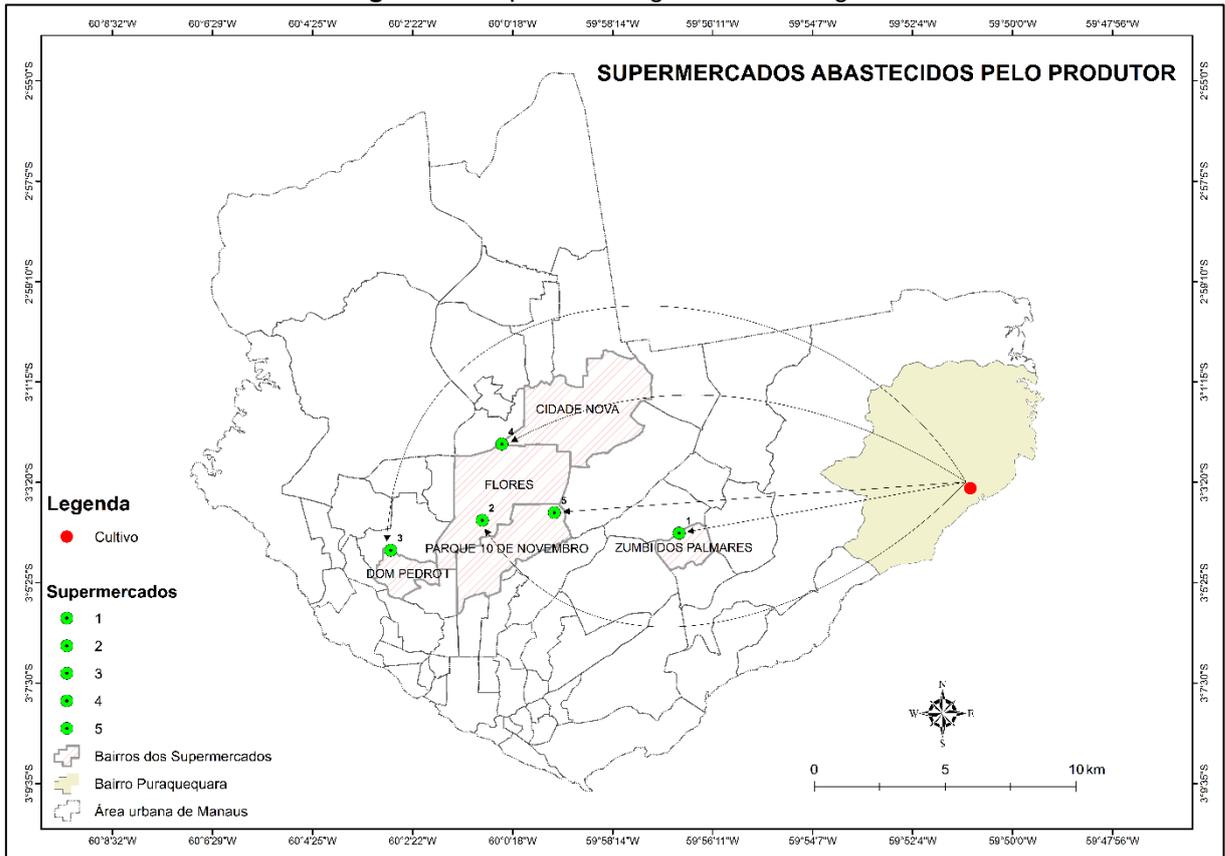
3.3 Mercado local e o consumo local

De acordo com as informações obtidas com o entrevistado, o fluxo de distribuição das hortaliças nas redes de supermercados está sujeito a constantes mudanças. Este circuito dinâmico é impulsionado pela busca incessante por preços baixos e pela garantia de boa qualidade dos produtos, levando a alterações frequentes nas relações entre os agricultores e as distribuidoras.

Na (Figura 8), apresenta-se um mapa de fluxograma no qual o entrevistado atualmente realiza entregas em apenas duas grandes redes de supermercados. No entanto, ele ressaltou que esse cenário não é estático, e que anteriormente as entregas eram direcionadas a outras redes de supermercados. Essa constatação levanta a reflexão de que a troca de fornecedores por parte dos gerentes desses supermercados pode ocorrer a qualquer momento, obrigando os agricultores a buscar novos mercados para venda de seus produtos.

No mapa de fluxograma (Figura 8), é possível notar que as hortaliças saem da zona leste de Manaus e abastecem diversas regiões da cidade, incluindo zonas leste, norte, centro-sul, sul e oeste. Isso sugere que as hortaliças são amplamente consumidas pela maioria da população de Manaus, demonstrando o grande fluxo que esses produtos têm ao sair do bairro de Puraquequara. No entanto, também é perceptível que os agricultores enfrentam muitas dificuldades mesmo estando em uma zona urbana como Puraquequara. Imagina-se que se esses produtores estivessem em uma zona rural mais afastada, o trajeto até o consumidor final seria consideravelmente maior, o que poderia aumentar ainda mais os desafios logísticos e operacionais enfrentados pelos agricultores.

Figura 8 - Mapa do Fluxograma de Entregas



Fonte: Base de dados: IBGE (2022). Organização: Daniel Campos 2024

Essa constante mudança no circuito de distribuição de hortaliças reflete a natureza competitiva e volátil do mercado varejista. Os supermercados estão sempre em busca de melhores ofertas e fornecedores mais vantajosos, o que pode resultar em uma rotatividade significativa nas parcerias comerciais. Para os agricultores locais, isso representa um desafio adicional na gestão de seus negócios, exigindo flexibilidade e capacidade de adaptação para garantir um fluxo contínuo de vendas.

Além disso, a instabilidade nas relações comerciais pode impactar não apenas os agricultores, mas também os próprios agricultores bairro do Puraquequara. Mudanças repentinas nos fornecedores de supermercados podem afetar a disponibilidade e variedade de hortaliças nas prateleiras, bem como influenciar os preços praticados, impactando diretamente os consumidores locais.

Diante desse cenário, é crucial para os agricultores estabelecerem parcerias sólidas e diversificarem suas fontes de vendas, buscando não apenas os grandes supermercados, mas também explorando outras oportunidades de comercialização, como feiras locais.

Quando os supermercados reduzem a demanda ou cortam contratos de fornecimento, isso pode ser resultado de vários fatores, incluindo flutuações sazonais na demanda, mudanças nas preferências dos consumidores, pressões econômicas ou até mesmo estratégias comerciais das próprias redes varejistas. Independentemente da razão, os agricultores precisam tomar medidas rápidas para encontrar outros canais de venda e minimizar o impacto dessas mudanças em suas operações.

As feiras oferecem uma alternativa valiosa, pois permitem aos agricultores venderem diretamente aos consumidores locais, sem a intermediação dos supermercados. No entanto, os preços praticados nas feiras muitas vezes são mais baixos do que aqueles obtidos nos contratos com os supermercados. Por isso, essa parceria pode não ser viável devido ao fato de as feiras serem reconhecidas por praticarem preços mais baixos em seus produtos. Isso se deve à concorrência entre os feirantes, à negociação de preços com os consumidores finais e à percepção de valor associada aos produtos vendidos em feiras. Isso pode ser atribuído a vários fatores, incluindo a concorrência entre os feirantes, a negociação de preços com os consumidores finais e a percepção de valor associada aos produtos vendidos em feiras.

O fluxo de distribuição de hortaliças nos supermercados de Puraquequara é um processo dinâmico e sujeito a mudanças constantes, influenciado pela busca por preços competitivos e qualidade dos produtos. Os agricultores locais enfrentam o desafio de se adaptar a essas mudanças, buscando novas oportunidades de mercado e estabelecendo parcerias resilientes para garantir o sucesso de seus negócios em um ambiente comercial em constante evolução. Além disso, os agricultores também precisam investir na construção de parcerias resilientes e duradouras com os supermercados. Isso envolve o estabelecimento de relacionamentos sólidos com os compradores, o cumprimento consistente dos padrões de qualidade e a capacidade de atender às demandas específicas do mercado. Ao construir essas parcerias, os agricultores podem garantir um fluxo contínuo de vendas e estabelecer uma base sólida para o crescimento futuro de seus negócios.

Deste modo, o sucesso dos agricultores locais de Puraquequara no mercado de distribuição de hortaliças depende da sua capacidade de se adaptar às mudanças constantes e de estabelecer parcerias resilientes com os supermercados. Ao

enfrentarem os desafios de um ambiente comercial dinâmico, os agricultores devem permanecer ágeis, inovadores e focados na entrega de produtos de alta qualidade que atendam às demandas do mercado. Ao fazê-lo, eles não apenas garantem o sucesso de seus negócios, mas também contribuem para o desenvolvimento a economia local e para o abastecimento de alimentos para o consumidor de alguns bairros de Manaus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada sobre a produção de hortaliças no bairro do Puraquequara revelou a complexidade e a riqueza das práticas de cultivos locais. Ao longo deste estudo, foi possível adentrar no universo cotidiano dos produtores de hortaliças, compreendendo não apenas os desafios enfrentados no cultivo e na comercialização, mas também as redes de supermercados, os conhecimentos tradicionais e as inovações que permeiam esse contexto específico.

A análise dos dados coletados durante as entrevistas e observações de campo evidenciou a determinação e a dedicação dos agricultores do bairro do Puraquequara, que enfrentam obstáculos como a oscilação de preços, a instabilidade dos mercados e as dificuldades logísticas, sem perder de vista o compromisso com seu consumidor final. A relação estreita entre os agricultores, supermercados e consumidor se revelou fundamental para a manutenção de um circuito de produção e distribuição de hortaliças que atenda às demandas locais e regionais.

Além disso, a integração entre a vivência prévia no bairro do Puraquequara e a condução das entrevistas permitiu uma imersão mais profunda nas dinâmicas locais, facilitando o estabelecimento de uma relação de confiança com os entrevistados e enriquecendo a compreensão das práticas agrícolas no contexto urbano. A combinação de métodos qualitativos, como as entrevistas e as observações, possibilitou uma análise abrangente das interações entre os agricultores, o mercado local e a economia regional, revelando detalhes que seriam de difícil acesso por meio de abordagens puramente quantitativas.

Ao longo deste estudo, foi possível constatar a importância da agricultura urbana no bairro do Puraquequara não apenas como uma atividade econômica, mas como um pilar da identidade local, do cultivo e distribuição. Os agricultores locais desempenham um papel fundamental na produção de alimentos.

Diante dos desafios e das oportunidades identificados ao longo desta pesquisa, torna-se evidente a necessidade de políticas públicas e ações que valorizem e fortaleçam a agricultura urbana no bairro do Puraquequara. O apoio à formação técnica dos agricultores, o incentivo à organização em cooperativas e associações, a melhoria da infraestrutura de comercialização e o estabelecimento de parcerias entre

os produtores e os órgãos governamentais são medidas essenciais para promover a resiliência do cultivo local.

Ademais, a conscientização da população sobre a importância da compra de produtos locais e da valorização dos agricultores é fundamental para garantir a continuidade e o desenvolvimento das práticas agrícolas no bairro do Puraquequara.

Por fim, este estudo ressalta a relevância de se reconhecer e valorizar o trabalho dos agricultores locais, que desempenham um papel fundamental na construção de sistemas alimentares mais justos. Ao compreender as dinâmicas da produção de hortaliças no bairro do Puraquequara, abre-se espaço para reflexões e ações que visam fortalecer a agricultura urbana, promover a segurança alimentar e contribuir para o desenvolvimento socioeconômico local. Que as lições aprendidas ao longo desta pesquisa possam inspirar iniciativas e políticas que valorizem e protejam os agricultores e a agricultura urbana como um todo.

REFERÊNCIAS

- BALBIM, R.; ARROYO, M.; SANTIAGO, C. **Brasil popular, circuitos da economia urbana e políticas públicas**. Brasília: Ipea, 2023.
- BERNARDES, J. A. Novas fronteiras do capital no Cerrado: dinâmica e contradições da expansão do agronegócio na região Centro-Oeste, Brasil. Scripta Nova. **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, v. 19, 2015.
- CASTELLS, M. **A Sociedade em rede: Volume I**. 8. ed. Berkeley, Califórnia: PAZ E TERRA, 1999. 1-17 p.
- CASTILHO, R. *et al.* Regiões do agronegócio, novas relações campo-cidade e reestruturação urbana. **Revista da ANPEGE**, v. 12, n. 18, 2016, 265-288 p.
- CASTILLO, R.; FREDERICO, S. Espaço geográfico, produção e movimento: uma reflexão sobre o conceito de circuito espacial produtivo. **Sociedade & Natureza**, v. 22, 2010, 461-474 p.
- CORRÊA, R. L. **Sobre agentes sociais, escala e produção do espaço: um texto para discussão. A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, v. 1, 2011, 41-51 p.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- MARCONI, M. D. A; LAKATOS, E. M. **Metodologia do Trabalho Científico**. 7. ed. SÃO PAULO: ATLAS S.A, 2008.
- EMBRAPA. **Agricultura urbana**. Planaltina, DF: Embrapa Cerrados, 2002.
Disponível em: <http://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/handle/doc/565842>.
Acesso em: 05 fev. 2024.
- MARX, K. **O Capital: crítica da economia política. Livro 1, Volume 2**. São Paulo: Boitempo, 2013. 130 p.
- MOUGEOT, L. JA. Agricultura urbana: conceito e definição. **Revista de Agricultura urbana**, v. 1, n. 1, p. 01-08, 2000.
- RUBIM, M. A. L. *et al.* **Puraquequara em mosaico: histórias, vidas e recursos naturais**. [S.l.] Brasil, 2021.
- SALVADOR, D. S. C. de O.; SILVA, E. J. M. Circuitos da Economia Urbana de Circuito Espacial de Produção: Subsídios Teórico-Methodológicos para a Apreensão de Dinâmicas Territoriais. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 13, n. 3, 2017.
- SANTOS, M. **A cidade como centro da região: Definições e métodos de avaliação da centralidade**. 1. ed. Salvador, Bahia: Livraria Progresso Editora, 1959. 7-15 p.

SANTOS, M. Metamorfoses do Espaço Habitado, fundamentos Teórico e metodológico da geografia. São Paulo: Hucitec, 1988. 10-25 p.

SANTOS, M. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, M. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. 40-50 p.